

FICHA TÉCNICA DA EXPOSIÇÃO

CURADOR

João Silvério

COLABORAÇÃO

Núcleo de Arte da Oliva

Creative Factory

COLEÇÃO

Norlinda e José Lima

MONTAGEM

Interface Produção e Cultura

Carlos Lopes (Coord.),

Rui Bourbon, Artur Campos

e Miguel Campos

AGRADECIMENTOS

Cortesia de Eduardo Rosa

da Galeria Sete na cedência

da obra de Noé Sendas

PARCERIAS



S. João da Madeira
Câmara Municipal



NÚCLEO DE ARTE

ÁGUEDA



CÂMARA MUNICIPAL



Rua Joaquim Valente Almeida
nº 30, 3750-154 Águeda
www.centroartesagueda.pt
caa@cm-agueda.pt
00351 234 180 151



CAA

A COLEÇÃO (RELOADED)

DA GÉNESE

DA COLEÇÃO

E DO ESPÍRITO

DO COLECIONADOR

7 MAI – 30 DEZ

2017

Centro de Artes
de Águeda

A coleção Norlinda e José Lima, é central no colecionismo português e teve o seu início na década de oitenta do século XX, uma época em que a produção artística contemporânea e o aparecimento de galerias de arte com um perfil mais especializado davam os seus primeiros passos.

Uma das características desta coleção de arte contemporânea, que a diferencia substancialmente de outras coleções nacionais iniciadas no final do século passado, é a sua componente internacional. José Lima é um industrial cuja atividade empresarial se veio a diversificar entre Portugal e o estrangeiro, fator que lhe permitiu, para além do gosto e do interesse de visitar museus, galerias e ateliês de artistas, com quem veio a estabelecer relações muito estreitas, acompanhar o contexto internacional, marcando presença regular no calendário das feiras de arte contemporâneas em diversos países, e assim construir uma rede de contactos que se reflete na diversidade da coleção. É também importante salientar a amplitude histórica do acervo no que respeita à produção artística nacional, pois o colecionador teve a preocupação de escolher obras significativas de artistas com carreira confirmada e obra amadurecida, mas não perdeu de vista os artistas em início de carreira, que do ponto de vista do mercado podem apresentar valores de aquisição mais apelativos, mas de outro ponto de vista, sob uma perspetiva que reside no seu interesse pela obra que o espanta e surpreende, foram incluídos na coleção e em muitos casos continuaram a ser acompanhados pelo colecionador, proporcionando a constituição de núcleos que permitem uma contextualização muito interessante da produção artística das últimas três décadas.

A exposição: A coleção (reloaded)

A presente exposição contempla obras de vinte artistas em diversas áreas da produção artística, como o desenho, a escultura, a instalação, a pintura, a fotografia e o vídeo. Esta escolha não pretende ser representativa de um acervo colecionado que contém mais de mil obras de arte; tenta, isso sim, dar uma visão da coleção

na diversidade de suportes, escalas, temas e tendências que marcaram algumas das escolhas do colecionador, tendo em conta um arco histórico que recua até aos anos cinquenta do século passado, com uma obra de Maria Helena Vieira da Silva, em contraponto com as obras expostas mais recentes, da autoria de Carlos Correia ou João Onofre.

O título desta mostra, A coleção (reloaded), toma como ponto de partida a ideia subjacente na palavra reloaded num duplo sentido, entre o dispositivo digital que incorporou o nosso jargão quotidiano e a possibilidade de repor e reatualizar um processo ou um determinado contexto. A exposição não privilegia temas, períodos históricos ou meios de expressão plástica, mas neste sentido pode ser lida como uma revisitação, como voltar a ver o trabalho de alguns dos artistas escolhidos sob uma outra perspetiva que este novo espaço expositivo do Centro de Artes de Águeda permite concretizar, entre correspondências, diálogos e, por vezes, antinomias, quer do ponto de vista da linguagem, presente nos seus títulos, como nas soluções plásticas que o processo de trabalho de cada autor desenvolveu.

O espírito do colecionador é desta forma semelhante à mão do geógrafo que vai desenhando um mapa da criação do tempo em que vive, da partilha e do prazer de fruir as obras de arte e as relações com artistas e outros agentes deste panorama, que se vai ramificando numa era em que o termo “global” parece esgotar a capacidade de acompanhar a arte que se produz e os circuitos em que a arte chega às comunidades. Porém, a Coleção Norlinda e José Lima nunca perseguiu estilos ou tendências marcados pela novidade que em determinados momentos se podem associar a uma ideia de moda ou de estatuto social. Muito pelo contrário, tem revelado a identidade de alguém que gosta da arte do seu tempo, que se interessa, estuda e acompanha os artistas que coleciona, de forma por vezes discreta mas atenta ao mundo que o rodeia.

E, acima de tudo, alguém que procura junto de uma comunidade a partilha e a comunhão do gosto pela fruição das obras de arte. Neste

aspeto, a exposição que inaugura o Centro de Artes de Águeda é sem dúvida a melhor forma de reunir o desígnio e a vontade comum desta cidade, que agrega o desejo individual às prospetivas de um coletivo social para quem a cultura tem sido um persistente desafio e mais do que um ponto de partida, um caminho a percorrer.

João Silvério CURADOR

Carlos Correia
“Sem título (G20 #28)”,
acrílico sobre tela, 2012,
100 x 149,5 cm

Carlos Correia
“Sem título (CFR #016)”,
acrílico sobre tela, 2007,
73 x 100,5 cm

Daniel Blaufukz
“Liverpool Street”,
Kodachrome, 1999,
122,5 x 152,2 cm

Leon Golub
“So much the worse”,
acrílico sobre linho, 1993,
173 x 332,5 cm

Noé Sendas
“Cycling After Wall”
(Lisboa), Poliéster,
resina epóxida, bicicleta,
roupa, sapatos e caixas
plásticas, 2004,
90 x 200 x 60cm

Helena Almeida
“Negro Espesso”, prova
serigráfica sobre tela,
1981, 300 x 125 cm

Jorge Molder
“Sem título (da série
T.V.)”, fotografia P/B,
1995, 100 x 100cm

Jorge Molder
“Sem título (da série
INOX)”, fotografia P/B,
1995, 102 x 102cm

Francisco Tropa
“Pirâmide”, madeira de
faia pintada, troncos,
bronze, madeira de
faia natural e provas
cromogéneas, 2012,
instalação de dimensões
variáveis

Cristina Iglésias
Sem título, cimento,
ferro e vidro, 1987,
212 x 63 x 55cm

José Pedro Croft
Sem título, pastel de óleo
e carvão sobre papel,
1999, 121,3 x 160 cm

João Onofre
“Ghost”, HD, vídeo, cor,
som, 2012

Diogo Pimentão
“Desenho Cinza”, grafite
sobre papel, 2008,
69,2 x 148,7 cm

Luís Paulo Costa
“Time paintings”, 2002,
acrílico sobre tela, vidro
fosco, 163,5 x 134,5 cm

Luís Paulo Costa
“For Your Eyes Only”,
acrílico sobre tela, vidro
fosco, 104 x 90,5 cm

Julião Sarmento
“Sindbad”, acrílico
sobre tela, 1985,
260,5 x 194,5 cm

Franz West
“Ohne Titel”, gesso,
garrafa de vidro com
água e madeira, data
desconhecida,
110 x 65 x 45 cm
e 48,5 x 17 x 25 cm

Pedro Cabrita Reis
“Los Liegos (1ª série) II”,
grafite sobre papel, 1995,
144 x 104 cm

Pedro Cabrita Reis
“Los Liegos (1ª série) IV”,
grafite e aquarela sobre
papel, 1995,
144 x 104 cm

KCHO
“Enseñame la Isla
(Autorretrato)”, tinta e giz
sobre papel, 1999,
168 x 307,5 cm

KCHO
“Enseñame la Isla”, barco
e remos em madeira
pintada, saco de boxe
em couro, haste em aço
e haste de fixação em
aço, 1999, instalação
de dimensões variáveis

Matt Mullican
“Untitled (learning form
that person’s work:
Morning, red, and white)”,
óleo sobre telas, 2009,
314 x 554 cm
(102 x 89cm cada tela)

Rui Chafes
“Ossos de Vidro”,
ferro, 1995,
218 x 90 x 48 cm

Rui Chafes
“Febre III”, ferro, 1997,
228 x 120 x 48 cm

Júlio Pomar
Sem título, acrílico e
colagem sobre tela, 1983,
120 x 90 cm

Vieira da Silva
“De Larg de quais”,
óleo sobre tela, 1957,
22 x 73 cm

Paula Rego
Sem título, acrílico sobre
papel montado em tela,
1985, 230 x 224 cm